

DIAS, Mariana Hollweg. *Black Psychoanalysts Speak*. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 59/60, p.198-204, julho 2020/junho 2021.

## **Black Psychoanalysts Speak<sup>1</sup>**

Mariana Hollweg Dias<sup>2</sup>

*Black Psychoanalysts Speak* é um documentário americano de 2014 interessantíssimo a respeito do qual tomei conhecimento recentemente. Ele é fruto de conferências organizadas nos Estados Unidos com o mesmo nome. Nele, Richard Reichbart, presidente da *Institute of Psychoanalytic Training and Research*<sup>3</sup> (IPTAR) conta que lhe perguntaram como as instituições psicanalíticas poderiam confrontar a espécie de “cegueira cultural” referente ao racismo e a “falta de diversidade” no meio analítico. Foi daí que surgiu a ideia de fazer o evento chamado *Black Psychoanalysts Speak*.

A primeira conferência foi em maio de 2012 e o evento lotou, sendo que mais da metade do público eram de negros. Em 2013 teve outra. Além da IPTAR, estiveram envolvidos com esse evento *William Alanson White Institute*, *The New School of Social Studies* e também a *NYU post-doc* e a ideia era fazer frente ao que chamaram de “racismo institucional da formação analítica”. No cartaz do evento essas eram as questões a serem debatidas: quais são as experiências dos psicanalistas negros? Qual é a relevância da psicanálise para as comunidades negras? Como a formação psicanalítica pode atender as necessidades dos psicoterapeutas e dos pacientes negros? Como a psicanálise pode ser mais acessível e relevante para uma população mais diversa? Foi com o sucesso dessas conferências que veio a ideia de fazer o documentário, como forma de inspirar a continuar a conversa.

Aqui no Brasil os psicanalistas também recentemente, talvez nos últimos cinco anos mais intensamente, têm se atentado às questões que envolvem o racismo. Tanto com o efeito dele que aparece na escuta dos sujeitos negros, como o quão pouco esses chegam para a análise nos consultórios privados e o quão pouco circulam nas instituições psicanalíticas e são analistas. Inclusive quando escutei nesse documentário o significativo número de analistas negros que participaram do congresso, perguntei-me se aqui no Brasil teríamos esse montante de profissionais a serem convocados.

O documentário foi organizado a partir dos depoimentos dos psicanalistas participantes em que se cruzam histórias pessoais sobre a negritude e o fato de ser negro nos Estados Unidos, sobre a formação e a prática analítica, sobre racismo e psicanálise. Em um formato bem

---

<sup>1</sup> O documentário *Black Psychoanalysts Speak* (que pode ser traduzido como: Psicanalistas negros falam), é de 2014 e foi dirigido por Basia Winograd e produzido por Basia Winograd e Richard Reichbart. Ele está disponível no Youtube e ainda não foi legendado em português. Todas as traduções aqui foram feitas por mim, aqui.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Instituto APPOA. Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). E-mail: marihdias@hotmail.com

<sup>3</sup> Instituto de formação e pesquisa em psicanálise.

dinâmico, as falas foram organizadas no documentário em blocos temáticos<sup>4</sup>. Temos uma riqueza de testemunhos que ora convergem, ora divergem, mas que ao fim trazem um belo material que nos coloca a pensar sobre o nosso lugar no mundo como cidadãos e como analistas, sobre a nossa prática clínica e mesmo em como nossa instituição psicanalítica se movimenta nessa seara.

Dito isso, divido com vocês algumas partes que me chamaram mais a atenção<sup>5</sup>. E para compartilhar aqui, agrupei os depoimentos em três tópicos: negritude e racismo, formação do psicanalista e psicanalistas negros.

## **Negritude e racismo**

O documentário inicia com o testemunho do psicanalista Kirkland Vauhans. Ele conta que por anos teve um ótimo analista, mas que ele não sabia nada sobre o racismo. A conclusão chegou depois de escutar o analista dizendo: “Eu só atendi um negro (usou aqui a palavra *nigger* que é uma forma pejorativa de se referir aos negros nos Estados Unidos) na vida e o tratamento não ia bem porque ele só queria falar de raça.” Ou seja, é como se falar sobre as questões raciais fosse “só”, como se não pudesse ser algo central ou uma das questões centrais na vida de um sujeito negro.

Escutamos vários testemunhos sobre a vivência do racismo pelos psicanalistas entrevistados. Uma delas diz que não pensa nisso no seu dia-a-dia até que algo acontece – algo como uma discriminação ou agressão ainda que sutil –, e então ela é lembrada. Outra pessoa relata o quanto é difícil ser negro na América exatamente por quê todos os dias são atacados de alguma maneira.

C. Jamal Adams diz que há tantas definições de negritude quanto há negros, pois esse é um conceito não só biológico, mas cultural. E se há várias negritudes, há maneiras diversas também de lidar com o racismo. Nesse sentido, o documentário expõe essa diversidade, às vezes paradoxal. Por exemplo, uma das entrevistadas conta que uma pessoa próxima diz que não a vê como negra, mas como a Cleonie, ao que ela responde: “porque é necessário para você não ver a minha diferença?” Por outro lado, escutamos de outra analista que a raça é muito pouco para definir quem ela é.

No documentário, apenas dois analistas entrevistados são brancos. É Anton Hart que destaca o quanto o racismo é capaz de gerar um trauma, o que tem sido minimizado pela

---

<sup>4</sup> São eles: o que é negritude (*blackness*); cultura e etnicidade em psicanálise, o *outsider* na psicanálise, racismo e micro agressões, alteridade, enriquecendo a psicanálise, currículo, análise intercultural, negros na psicanálise são um grande erro, psicanálise na sociedade e olhando para o futuro.

<sup>5</sup> Optei aqui por não citar o nome de cada um dos depoentes para que o texto não ficasse cansativo. Todas as falas desse coletivo importam. Participaram do documentário os seguintes psicanalistas: C. Jamal Adams; Janice O. Bennette; Anton H. Hart; Dorothy Evans Holmes; Annie Lee Jones; Dolores O. Morris; Michael Moskowitz; Craig K. Polite; Richard Reichbart; Cheryl Thompson; Kirkland Vaughans; Cleonie White; Kathleen Pogue White. Uma biografia de cada um pode ser conferido nos créditos do documentário.

psicanálise. Na sequência, Cheryl Thompson enfatiza, inclusive, o quanto na escuta de pacientes negros perpassa algo que se assemelha aos sobreviventes do holocausto.

Uma afirmação contundente nessa obra sobre a psicanálise e o racismo feita por Dorothy E. Holmes: “A psicanálise tem as ferramentas para lidar com todos os 'ismos', mas tem lidado com muita má vontade com esse”.

### **A formação do psicanalista e o racismo**

Mais de um entrevistado conta de reações violentas ou, no mínimo, desinteressadas, quando abordam o tema do racismo em eventos psicanalíticos. Escutamos: “Você nunca será um expert em psicanálise se você falar de negritude”. Por outro lado, também escutamos uma analista que se queixa de ser reconhecida por uma pauta única: “Mesmo tendo formação em outras áreas, sou sempre chamada para falar de racismo e diversidade”.

Os entrevistados falam sobre a importância de que as questões culturais, incluindo o racismo, sejam abordadas desde o início da formação, permeando todos os temas. Um exemplo paradigmático da questão racial: uma analista conta que pediu a uma turma em formação para se reunir em grupos e trazer questões de sua prática a respeito de atendimento multicultural, inter-racial. A turma ficou em silêncio por um tempo, até que um representante veio até ela dizendo que eles não tinham questões a respeito desse tema, já que ali todos eram brancos. É como se o fato de serem brancos não fosse uma questão, como se não fizessem parte de um grupo racial.

Como bem pontua uma das entrevistadas, na formação de uma analista não se espera algo como “treinamento em competências muticulturais”, mas sobre estar mesmo aberto a escutar o outro. E que mais se espera de uma formação analítica se não isso? Haveriam especificidades quanto à questão do racismo que merecem ser consideradas numa formação analítica?

Ao longo do documentário, vão aparecendo, pela via dos depoimentos, os paradoxos que envolvem o nascimento e a disseminação da psicanálise pelo mundo. “O coração da psicanálise é negro, Freud era um negro na Europa e cresceu numa sociedade racista.”, escutamos de um dos entrevistados que faz questão de afirmar o quanto Freud entendia que pobreza e racismo podem atingir profundamente o bem-estar das pessoas. Por outro lado, escutamos que a psicanálise traria uma falsa percepção de que todos são iguais. Isso é visto como uma herança freudiana, fruto de sua tentativa de fazer da psicanálise uma ciência universal e não ligada ao judaísmo. “Somos todos iguais, na medida em que somos todos diferentes”, o que ganha acento na cultura americana que tanto valoriza o indivíduo.

Lembremos que nos Estados Unidos houve uma grande resistência à análise leiga, ficando bastante restrita ao campo da medicina como uma forma de trazer prestígio a essa e, ao mesmo tempo, credibilidade à nova ciência. Richard Reichman lembra quando a psicanálise foi para os Estados Unidos e foi controlada pelos médicos, teve uma enorme influência conservadora. A psicanálise foi vista por muito tempo, e com razão, como patriarcal, ainda que

já tenha mudado muito. Atualmente gênero e sexualidade são centrais na formação de um psicanalista, mas a questão do racismo, de classe e de etnia não são. Ele afirma que foi mostrado à psicanálise suas limitações quanto à sexualidade, e que da mesma forma pode ser mostrado a sua herança racista estrutural desde uma perspectiva eurocêntrica.

Chamou-me atenção as críticas feitas por muitos entrevistados à própria psicanálise, não só em relação a um certo elitismo na formação e exclusão de questões centrais como o racismo, mas em relação à pouca relevância que a psicanálise teria dado às questões socioculturais no processo de subjetivação. O organizador do documentário chega a dizer que a história e a cultura nos influenciam profundamente e que isso não é reconhecido pela psicanálise. “É como se o mundo lá fora não existisse, exceto quando se pensa na teoria do trauma”. Cito mais alguns exemplos. M. Moskowitz pontua o quanto é uma contradição que a psicanálise fale da importância da cultura na estruturação psíquica e que ao mesmo tempo as instituições psicanalíticas tenham perdido o foco na *big picture* (panorama geral). Para ele a psicanálise teria focado em formar e tratar aqueles privilegiados. Cleonie White diz que a teoria freudiana é toda sobre o mundo interno e que não haveria lugar para pensar os aspectos de raça, aspectos econômicos e diferenças sociais para pensar a personalidade e o desenvolvimento.

Essas críticas são importantes e precisamos pensar a respeito delas, mas em que pese a falta de acento nas questões sobre raça, algumas dessas críticas são estranhas a nós que nos formamos psicanalistas no campo lacaniano. Se partimos do pressuposto de que nos constituímos na e pela linguagem, sempre em relação com o Outro e com os outros, o “mundo lá fora”, como foi referido, conta e muito na constituição psíquica. Conta tanto que algumas expressões sintomáticas são datadas, assim como os sonhos, como formações do inconsciente que serão atravessados pelos momentos históricos que vivenciamos. E é justamente por isso que cabe a crítica de enquanto psicanalistas estarmos nos ocupando tardiamente das questões do racismo, por exemplo.

## **Psicanalistas Negros**

Nada mais contundente a respeito dos estereótipos do que esse depoimento em que Cheryl Thompson conta ter escutado em uma primeira entrevista: “No telefone você parecia alta, magra e loira”. Um analista negro não consta no imaginário social, e isso pode trazer consequências inclusive no que diz respeito a relação transferencial.

No documentário vemos alguns exemplos nesse sentido. Esse outro me chamou muito a atenção: Kirkland Vaughans conta que um paciente branco lhe disse que se sentia mal em reclamar da vida para uma pessoa negra já que reconhecia os privilégios da sua branquitude. A partir disso, puderam trabalhar sobre como ele tinha dificuldade em nomear o seu próprio sofrimento. Esse depoimento deixa claro o quanto esses atravessamentos podem e devem ser trabalhados na singularidade de quem toma a palavra, ainda que isso não nos exime de pensar a dimensão macropolítica do racismo que chega até a prática analítica.

Nesse sentido, uma das analistas pontua que a resistência do paciente a alguma intervenção do analista pode ser por ela ser negra. Ela fala da necessidade de uma formação que autorize o analista negro a dizer algo como: “Você está rejeitando a minha interpretação porque as pessoas negras na sua vida eram subalternas”. Esse fora de lugar no que diz respeito ao imaginário social – um negro como analista – é apontado também por parte dos negros. Em outro depoimento escutamos que os psicanalistas negros às vezes são vistos como traidores na medida em que estão metidos com “essas coisas de branco”, como a psicanálise ainda é vista.

Como sabemos, o racismo é perpassado pela questão econômica e as relações de poder que se estabelecem a partir daí. Cleonie White conta que um paciente negro de 14 anos questiona por que ela tem o seu consultório no Upper East Side (lugar nobre de Nova Iorque) e não no Harlem (bairro onde se concentra grande parte da população negra da cidade). Como se a presença dela nesse lugar sustentasse um sistema que faz ele ter que se deslocar esse tanto para poder ser atendido.

É de um analista branco que escutamos: “Não acho que devemos ter mais psicanalistas negros para o bem dos negros, mas sim pelo bem da psicanálise”. As justificativas nessa direção vão em dois sentidos, sustentados também por outros depoimentos: a capacidade de escuta diferenciada que os negros teriam e a questão da identificação que se faz presente num primeiro endereçamento transferencial.

Fala-se que o sofrimento advindo do racismo tornaria os analistas negros mais sensíveis ao sofrimento alheio. Nesse sentido, por exemplo, seria muito difícil para um analista branco entender as formas de opressão. Os brancos não são levados a pensar sobre si em termos de raça, porque “ser branco é o normal”.

Além disso, as pessoas podem se sentir mais confortáveis culturalmente ao serem escutadas por alguém com o mesmo pertencimento racial e, nesse sentido, é importante uma diversidade grande de analistas para que as pessoas se sintam bem com a sua escolha. Sabemos o quanto a escolha do analista tem a ver com a neurose de cada um e, de maneira geral, passa por algum ponto identificatório, que nesse caso poderia ser a cor da pele e as consequências disso em uma sociedade ainda tão racista. Um dado interessante apresentado é que, naquela época em que o documentário foi feito, apenas 0,7% dos psicanalista da IPA eram negros.

\*\*\*\*\*

O documentário nos apresenta uma questão contundente: “A psicanálise está fazendo alguma coisa pelos negros? Ou é tudo sobre: como você está lidando com isso?”. O analista que nos apresenta essa questão chama de “psicanálise do ajuste” essa que só atenta para uma questão individual no enfrentamento ao racismo. “Eles estão te perseguindo, você não está paranoico”, seria uma colocação genuinamente psicanalítica grosso modo, pois considera assim o racismo para além do singular, como algo estrutural de nossa sociedade e que por isso faz parte de nossa subjetivação e traz sim sofrimento.

Uma das ações relatadas no documentário quanto a formação dos analistas foi dar uma lista de psicanalistas americanos negros para as pessoas lerem. E nós? Quantas publicações de analistas negros temos para indicar no Brasil? Quantos analistas negros participam dos congressos? Quantos analistas negros temos em nossa instituição?

Em que pese as diferenças irrefutáveis entre o racismo nos Estados Unidos e no Brasil, lá e aqui são poucos os analistas negros. Quanto aos analisantes, no Brasil temos vários psicanalistas trabalhando na saúde pública, onde boa parte dos usuários são negros; já no consultório particular são pouquíssimos os que chegam para atendimento. Claro que a esse respeito se atravessam questões de ordens diversas e sempre interligadas: econômicas, sociais e culturais.

Fato é que considerando a quantidade da população negra lá (13%) e cá (54%) urge que nós aqui nos debrucemos ainda mais sobre essa questão. E, mais do que isso, que em nossa instituição também sigamos avançando nessa discussão e colocando em prática algo que contribua para a mudança dessa realidade, tanto quanto ao acesso de negros a formação analítica, quanto a análise. Nos últimos tempos, em diferentes momentos e espaços institucionais, a APPOA tem trazido para a pauta todas essas questões que envolvem o racismo e, sem dúvida, isso impacta a todos nós que compomos o laço associativo bem como todos aqueles que buscam a instituição como um lugar de trocas e de formação.

## **Referências**

Black Psychoanalysts Speak (2020). Documentário publicado pelo canal de Basia Winograd. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N8-Vli7tb44>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

Recebido em 10/02/2023

Aceito em 03/03/2023

Revisado por Comissão de Aperiódicos e Clarice Sampaio Roberto